

**Texto-base:**

CAMÕES, Luís Vaz de. *Canções e Elegias*. Direção Literária Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

**Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

**Texto-base digitalizado por:**

FCCN - Fundação para a Computação Científica Nacional (<http://www.fccn.pt>)

IBL - Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (<http://www.ibl.pt>)

Disponível em: <http://web.rccn.net/camoes/camoes/index.html>

Agradecimentos especiais à **Dra. Maria Teresa Perdigão Costa Bettencourt d'Ávila**, herdeira do **Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão** (responsável pela direção literária da obra-base), que gentilmente autorizou-nos a publicação desta obra.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.*

## CANÇÕES E ELEGIAS

Luís de Camões

### 1.

#### Canção

Fermosa e gentil Dama, quando vejo  
a testa de ouro e neve, o lindo aspeito,  
a boca graciosa, o riso honesto,  
o colo de cristal, o branco peito,  
de meu não quero mais que meu desejo,  
nem mais de vós que ver tão lindo gesto.

Ali me manifesto  
por vosso a Deus e ao mundo; ali me inflamo  
nas lágrimas que choro,  
e de mim, que vos amo,  
em ver que soube amar-vos, me namoro;  
e fico por mim só perdido, de arte  
que hei ciúmes de mim por vossa parte.

Se porventura vivo descontente  
por fraqueza d'esprito, padecendo  
a doce pena que entender não sei,  
fujo de mim e acolho-me, correndo,  
à vossa vista; e fico tão contente  
que zombo dos tormentos que passei.

De quem me queixarei

se vós me dais a vida deste jeito  
nos males que padeço,  
senão de meu sujeito,  
que não cabe com bem de tanto preço?  
Mas inda isso de mim cuidar não posso,  
de estar muito soberbo com ser vosso.

Se, por algum acerto, Amor vos erra  
por parte do desejo, cometendo  
algum nefando e torpe desatino,  
se ainda mais que ver, enfim, pretendo,  
fraquezas são do corpo, que é de terra,  
mas não do pensamento, que é divino.  
Se tão alto imagino que de vista  
me perco (peço nisto),  
desculpa-me o que vejo;  
que se, enfim, resisto  
contra tão atrevido e vão desejo,  
faço-me forte em vossa vista pura,  
e armo-me de vossa fermosura.

Das delicadas sobranceiras pretas  
os arcos com que fere, Amor tomou,  
e fez a linda corda dos cabelos;  
e porque de vós tudo lhe quadrou,  
dos raios desses olhos fez as setas  
com que fere quem alça os seus, a vê-los.  
Olhos que são tão belos  
dão armas de vantagem ao Amor,  
com que as almas destrui;  
porém, se é grande a dor,  
co a alteza do mal a restitui;  
e as armas com que mata são de sorte  
que ainda lhe ficais devendo a morte.

Lágrimas e suspiros, pensamentos,  
quem deles se queixar, fermosa Dama,  
mimoso está do mal que por vós sente.  
Que maior bem deseja quem vos ama  
que estar desabafando seus tormentos,  
chorando, imaginando documento?  
Quem vive descontente,  
não há-de dar alívio a seu desgosto,  
porque se lhe agradeça;  
mas com alegre rosto  
sofra seus males, para que os mereça;  
que quem do mal se queixa, que padece,  
fá-lo porque esta glória não conhece.

De modo que, se cai o pensamento

em algũa fraqueza, de contente,  
é porque este segredo não conheço;  
assi que com razões, não tão somente  
desculpo ao Amor do meu tormento,  
mas ainda a culpa sua lhe agradeço.

Por esta fé mereço  
a graça, que esses olhos acompanha,  
o bem do doce riso;  
mas, porém, não se ganha  
cum paraíso outro paraíso.

E assi, de enleada, a esperança  
se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remédio,  
sabe, Canção, que porque não vejo,  
engano com palavras o desejo.

## 2.

### Canção

A instabilidade da Fortuna,  
os enganos suaves de Amor cego,  
(suaves, se duraram longamente),  
direi, por dar à vida algum sossego;  
que, pois a grave pena me importuna,  
importune meu canto a toda a gente.  
E se o passado bem co mal presente  
me endurece a voz no peito frio,  
o grande desvario  
dará de minha pena sinal certo,  
que um erro em tantos erros é concerto.  
E, pois nesta verdade me confio  
(se verdade se achar no mal que digo),  
aiba o mundo de Amor o desconcerto,  
ue já co a Razão se fez amigo,  
só por não deixar culpa sem castigo.

Já Amor fez leis, sem ter comigo algũa;  
já se tornou, de cego, arrazoadado,  
só por usar comigo sem-razões.  
E, se em algũa cousa o tenho errado,  
com siso, grande dor não vi nenhũa,  
nem ele deu sem erros afeições.  
Mas, por usar de suas isenções,  
buscou fingidas causas por matar-me;  
que, para derrubar-me  
no abismo infernal de meu tormento,  
não foi soberbo nunca o pensamento,

nem pretende mais alto alevantar-me  
daquilo que ele quis; e se ele ordena  
que eu pague seu ousado atrevimento,  
saiba que o mesmo Amor que me condena  
me fez cair na culpa e mais na pena.

Os olhos que eu adoro, aquele dia  
que desceram ao baixo pensamento,  
n'alma os aposentei suavemente;  
e pretendendo mais, como avarento,  
o coração lhe dei por iguaria,  
que a meu mandado tinha obediente.  
Porém como ante si lhe foi presente  
que entenderam o fim de meu desejo,  
ou por outro despejo, que a língua  
descobriu por desvario,  
de sede morto estou posto num rio,  
onde de meu serviço o fruto vejo;  
mas logo se alça se a colhê-lo venho,  
e foge-me a água, se beber porfio;  
assi que em fome e sede me mantenho:  
não tem Tântalo a pena que eu sustenho.

Depois que aquela em quem minh'alma vive  
quis alcançar o baixo atrevimento,  
debaixo deste engano a alcancei:  
a nuvem do contino pensamento  
ma afigurou nos braços, e assi a tive,  
sonhando o que acordado desejei.  
Porque a meu desejo me gabei  
de alcançar um bem de tanto preço,  
além do que padeço,  
atado em ùa roda estou penando,  
que em mil mudanças me anda rodeando  
onde, se a algum bem subo, logo deço,  
e assi ganho e perco a confiança;  
e assi me tem atado ua vingança,  
como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suave e inumana  
meu humano desejo, de atrevido,  
cometeu, sem saber o que fazia  
([que de sua beleza foi nacido}  
o cego Moço, que, co a seta insana,  
o pecado vingou desta ousadia),  
e afora este mal que eu merecia,  
me deu outra maneira de tormento:  
que nunca o pensamento,  
que sempre voa d'ua a outra parte,  
destas entranhas tristes bem se farte,

imaginando sobre o famulento,  
quanto mais come, mais está crescendo,  
porque de atormentar-me não se aparte;  
assí que para a pena estou vivendo,  
sou outro novo Ticio, e não me entendo.

De vontades alheias, que roubava,  
e que enganosamente recolhia  
em meu fingido peito, me mantinha.  
De maneira o engano lhe fingia,  
que depois que a meu mando as sojugava,  
com amor as matava, que eu não tinha.  
Porém, logo o castigo que convinha  
o vingativo Amor me fez sentir,  
fazendo-me subir  
ao monte da aspereza que em vós vejo,  
co pesado penedo do desejo,  
que do cume do bem me vai cair;  
torno a subi-lo ao desejado assento,  
torna a cair-me; embalde, enfim, pejejo.  
Não te espantes, Sísifo, deste alento,  
que as costas o subi do sofrimento.

Dest'arte o sumo bem se me oferece  
ao faminto desejo, porque sinta  
a perda de perdê-lo mais penosa.  
Como o avaro a quem o sonho pinta  
achar tesouro grande, onde enriquece  
e farta sua sede cobiçosa.  
e acordando com fúria pressurosa  
vai cavar o lugar onde sonhava,  
mas tudo o que buscava  
lhe converte em carvão a desventura;  
ali sua cobiça mais se apura,  
por lhe faltar aquilo que esperava:  
dest'arte Amor me faz perder o siso.  
Porque aqueles que estão na noite escura,  
nunca sentirão tanto o triste abiso,  
se ignorarem o bem do Paraíso.

Canção, nô mais, que já não sei que digo;  
mas porque a dor me seja menos forte,  
diga o pregão a causa desta morte.

### 3. Canção

Já a roxa manhã clara

do Oriente as portas vem abrindo,  
dos montes descobrindo  
a negra escuridão da luz avara.  
O Sol, que nunca pára,  
de sua alegre vista saudoso,  
trás ela, pressuroso,  
nos cavalos cansados do trabalho, q  
ue respiram nas ervas fresco orvalho,  
se estende, claro, alegre e luminoso.  
Os pássaros, voando  
de raminho em raminho modulando,  
com ua suave e doce melodia  
o claro dia estão manifestando.

A manhã bela e amena,  
seu rosto descobrindo, a espessura  
se cobre de verdura,  
branda, suave, angélica, serena.  
Ó deleitosa pena,  
ó efeito de Amor tão preeminente  
que permite e consente  
que onde quer que me ache, e onde esteja,  
o seráfico gesto sempre veja,  
por quem de viver triste sou contente!  
Mas tu, Aurora pura,  
de tanto bem dá graças à ventura,  
pois as foi pôr em ti tão diferentes,  
que representes tanta fermosura.

A luz suave e leda  
a meus olhos me mostra por quem mouro,  
e os cabelos de ouro  
não igual' aos que vi, mas arremeda:  
esta é a luz que arreda  
a negra escuridão do sentimento  
ao doce pensamento;  
o orvalho das flores delicadas  
são nos meus olhos lágrimas cansadas,  
que eu choro co prazer de meu tormento;  
os pássaros que cantam  
os meus espíritos são, que a voz levantam,  
manifestando o gesto peregrino  
com tão divino som que o mundo espantam.

Assi como acontece  
a quem a cara vida está perdendo,  
que, enquanto vai morrendo,  
algüa visão santa lhe aparece;  
a mim, em quem falece  
a vida, que sois vós, minha Senhora, a

esta alma que em vós mora  
(enquanto da prisão se está apartando)  
vos estais juntamente apresentando  
em forma da fermosa e roxa Aurora.

Ó ditosa partida!  
Ó glória soberana, alta e subida!  
Se mo não impedir o meu desejo;  
porque o que vejo, enfim, me torna a vida.

Porém a Natureza,  
que nesta vista pura se mantinha,  
me falta tão asinha,  
quão asinha o sol falta à redondeza.  
Se houverdes que é fraqueza  
morrer em tão penoso e triste estado,  
Amor será culpado,  
ou vós, onde ele vive tão isento,  
que causastes tão longo apartamento,  
porque perdesse a vida co cuidado.  
Que se viver não posso  
(um homem sou só, de carne e osso),  
esta vida que perco, Amor ma deu;  
que não sou meu: se mouro, o dano é vosso.

Canção de cisne, feita n'hora extrema:  
na dura pedra fria  
da memória te deixo, em companhia  
do letreiro de minha sepultura;  
que a sombra escura já me impede o dia.

#### 4.

#### Canção

Vão as serenas águas  
do Mondego descendo  
mansamente, que até o mar não param;  
por onde minhas mágoas  
pouco a pouco crescendo,  
para nunca acabar se começaram.  
Ali se ajuntaram neste lugar ameno,  
aonde agora mouro, testa de nove e ouro,  
riso brando, suave, olhar sereno,  
um gesto delicado,  
que sempre n'alma m'estará pintado.

Nesta florida terra,  
leda, fresca e serena,  
ledo e contente para mim vivia,

em paz com minha guerra,  
contente com a pena  
que de tão belos olhos procedia.

Um dia noutro dia  
o esperar m'enganava;  
longo tempo passei,  
co a vida folguei, só  
porque em bem tamanho me empregava.  
Mas que me presta já,  
que tão fermosos olhos não os há?

Ó quem me ali dissera  
que de amor tão profundo  
o fim pudesse ver ind'algũa hora!  
Ó quem cuidar pudera  
que houvesse aí no mundo  
apartar-m'eu de vós, minha Senhora,  
para que desde agora  
perdesse a esperança,  
e o vão pensamento,  
desfeito em um momento,  
sem me poder ficar mais que a lembrança,  
que sempre estará firme  
até o derradeiro despedir-me.

Mas a mor alegria  
que daqui levar posso,  
com a qual defender-me triste espero,  
é que nunca sentia  
no tempo que fui vosso  
quererdes-me vós quanto vos eu quero;  
porque o tormento fero  
de vosso apartamento  
não vos dará tal pena  
como a que me condena:  
que mais sentirei vosso sentimento,  
que o que minh'alma sente.  
Moura eu, Senhora, e vós ficai contente!

Canção, tu estarás  
aqui acompanhando  
estes campos e estas claras águas,  
e por mim ficarás chorando  
e suspirando,  
e ao mundo mostrando tantas mágoas,  
que de tão larga história  
minhas lágrimas fiquem por memória.



5.  
Canção

Se este meu pensamento,  
como é doce e suave,  
de alma pudesse vir gritando fora,  
mostrando seu tormento  
cruel, e grave,  
diante de vós só, minha Senhora:  
pudera ser que agora  
o vosso peito duro  
tornara manso e brando.  
E eu que sempre ando  
pássaro solitário, humilde, escuro,  
tornado um cisne puro,  
brando e sonoro pelo ar voando,  
com canto manifesto  
pintara meu tormento e vosso gesto.

Pintara os olhos belos  
que trazem nas mininas  
o Minino que os seus neles cegou;  
e os dourados cabelos  
em tranças d'ouro finas  
a quem o Sol seus raios abaixou;  
a testa que ordenou  
atura tão formosa;  
o bem proporcionado  
nariz, lindo, afilado,  
que a cada parte tem a fresca rosa;  
a boca graciosa,  
que querê-la louvar é escusado;  
enfim, é um tesouro:  
os dentes, perlas; as palavras, ouro.

Vira-se claramente,  
ó Dama delicada,  
que em vós se esmerou mais a Natureza;  
e eu, de gente em gente,  
trouxera trasladada  
em meu tormento vossa gentileza.  
Somente a aspereza  
de vossa condição,  
Senhora, não dissera,  
porque se não soubera  
que em vós podia haver algum senão.  
E se alguém, com razão,  
—Porque morres? dissera, respondera:  
—Mouro porque é tão bela  
que inda não sou para morrer por ela.

E se pola ventura,  
Dama, vos ofendesse,  
escrevendo de vós o que não sento,  
e vossa fermosura  
tão baixo não descesse  
que a alcançasse um baixo entendimento,  
seria o fundamento  
daquilo que cantasse todo de puro amor,  
porque vosso louvor  
em figura de mágoas se mostrasse.  
E onde se julgasse a causa pelo efeito,  
minha dor diria ali sem medo:  
quem me sentir, verá de quem procedo.

Então amostraria  
os olhos saudosos,  
o suspirar que a alma traz consigo;  
a fingida alegria,  
os passos vagarosos,  
o falar, o esquecer-me do que digo;  
um pelejar comigo,  
e logo desculpar-me;  
um reçar, ousando;  
andar meu bem buscando,  
e de poder achá-lo acovardar-me;  
enfim, averiguar-me  
que o fim de tudo quanto estou falando  
são lágrimas e amores;  
são vossas isenções e minhas dores.

Mas quem terá, Senhora,  
palavras com que iguale  
com vossa fermosura minha pena;  
que, em doce voz, de fora  
aquela glória fale  
que dentro na minh'alma Amor ordena?  
Não pode tão pequena  
força de engenho humano  
com carga tão pesada,  
se não for ajudada  
dum piedoso olhar, dum doce engano;  
que, fazendo-me o dano  
tão deleitoso, e a dor tão moderada,  
que, enfim, se convertesse  
nos gostos dos louvores que escrevesse.

Canção, não digas mais; e se teus versos  
à pena vêm pequenos,  
não queiram de ti mais, que dirás menos.

6.  
Canção

Com força desusada  
aquece o fogo eterno  
na ilha lá nas partes do Oriente,  
de estranhos habitada,  
aonde o duro Inverno  
os campos reverdece alegremente.

A lusitana gente  
por armas sanguinosas,  
tem dela senhorio.  
Cercada está dum rio  
de marítimas águas saudosas;  
das ervas que aqui nascem,  
os gados juntamente e os olhos pascem.

Aqui minha ventura  
quis que na grã parte  
da vida, que não tinha, se passasse,  
para que a sepultura  
nas mãos do fero Marte  
de sangue e de lembranças matizasse.  
Se Amor determinasse  
que, a troco desta vida,  
de mim qualquer memória  
ficasse, como história  
que de uns fermosos olhos fosse lida,  
a vida e alegria  
por tão doce memória trocaria.

Mas este fingimento,  
por minha dura sorte,  
com falsas esperanças me convida.  
Não cuide o pensamento  
que pode achar na morte  
o que não pôde achar tão longa vida.  
Está já tão perdida  
a minha confiança  
que, de desesperado  
em ver meu triste estado,  
também da morte perco a esperança.  
Mas oh! que se algum dia  
desesperar pudesse, viveria.

De quanto tenho visto  
já 'gora não m'espanto,

que até desesperar se me defende.  
Outrem foi causa disto,  
que eu nunca pude tanto  
que causasse este fogo que me encende.  
Se cuidam que me ofende  
temor de esquecimento,  
oxalá meu perigo  
me fora tão amigo  
que algum temor deixara ao pensamento!  
Quem viu tamanho enleio  
que houvesse ai esperança sem receio?

Quem tem que perder possa  
se pode recear.  
Mas triste quem não pode já perder!  
Senhora, a culpa é vossa,  
que para me matar  
basta a hora só de vos não ver.  
Puseste-me em poder  
de falsas esperanças;  
e, do que mais me espanto:  
que nunca vali tanto  
que vivesse também com esquivações.  
Valia tão pequena  
não pode merecer tão doce pena.

Houve-se Amor comigo  
tão brando e pouco irado,  
quanto agora em meus males se conhece;  
que não há mor castigo  
para quem tem errado q  
ue negar-lhe o castigo que merece.  
E bem como acontece  
que assi como ao doente  
da cura despedido,  
o médico sabido  
tudo quanto deseja lhe consente,  
assi me consentia  
esperança, desejo e ousadia.

E agora venho a dar  
conta do bem passado  
a esta triste vida e longa ausência.  
Quem pode imaginar  
que pode haver pecado  
que mereça tão grave penitência?  
Olhai que é consciência,  
por tão pequeno erro,  
Senhora, tanta pena!  
Não vedes que é onzena?

Mas se tão longo e mísero desterro  
vos dá contentamento,  
nunca se acabe nele meu tormento.

Rio fermoso e claro,  
e vós, ó arvoredos,  
que os justos vencedores coroaís,  
e ao cultor avaro,  
continuamente ledos,  
dum tronco só diversos frutos dais;  
assi nunca sintais  
do tempo injúria algũa,  
que em vós achem abrigo  
as mágoas que aqui digo,  
enquanto der o Sol virtude à Lũa;  
porque de gente em gente  
saibam que já não mata a vida ausente.

Canção, neste desterro viverás,  
Voz nua e descoberta,  
até que o tempo em Eco te converta.

## 7.

### Canção

Manda-me Amor que cante docemente  
o que ele já em minh'alma tem impresso  
com pressuposto de desabafar-me;  
e porque com meu mal seja contente,  
diz que ser de tão lindos olhos preso,  
contá-lo bastaria a contentar-me.  
Este excelente modo de enganar-me  
tomara eu só de Amor por interesse,  
se não se arrependesse  
co a pena o engenho escurecendo.  
Porém a mais me atrevo,  
em virtude do gesto de qu'escrevo;  
e se é mais o que canto que o qu'entendo,  
invoco o lindo aspecto,  
que pode mais que Amor em meu defeito.

Sem conhecer Amor viver soía,  
seu arco e seus enganos desprezando,  
quando vivendo deles me mantinha.

O Amor enganoso, que fingia  
mil vontades alheias enganando,

me fazia zombar de quem o tinha.  
No Touro entrava Febo, e Progne vinha;  
o corno de Aquelôo Flora entornava,  
quando o Amor soltava  
os fios d'ouro, as tranças enerespadas,  
ao doce vento esquivas,  
dos olhos rutilando chamas  
vivas, e as rosas entre a nove semeadas,  
co riso tão galante  
que um peito desfizera de diamante.

Um não sei quê, suave, respirando,  
causava um admirado e novo espanto,  
que as cousas insensíveis o sentiam.

E as gárrulas aves levantando  
vozes desordenadas em seu canto,  
como em meu desejo se entendiam.  
As fontes cristalinas não corriam,  
inflamadas na linda vista pura;  
florescia a verdura que, andando,  
cos divinos pés tocava;  
os ramos se abaixavam,  
tendo enveja das ervas que pisavam  
(ou porque tudo ante ela se abaixava).

Não houve coisa, enfim,  
que não pasmasse dela, e eu de mim.

Porque quando vi dar entendimento  
às cousas que o não tinham, o temor  
me fez cuidar que efeito em mim faria.

Conheci-me não ter conhecimento;  
e nisto só o tive, porque Amor  
mo deixou, porque visse o que podia.  
Tanta vingança Amor de mim queria  
que mudava a humana natureza:

os montes e a dureza  
deles, em mim, por troca, traspassava.

O que gentil partido!

Trocar o ser do monte sem sentido,  
pelo que num juízo humano estava!

Olhai que doce engano:  
tirar comum proveito de meu dano!

Assi que, indo perdendo o sentimento  
a parte racional, me entristecia  
vê-la a um apetite sometida;  
mas dentro n'alma o fim do pensamento  
por tão sublime causa me dizia  
que era razão ser vencida.

Assi que, quando a via ser perdida,

a mesma perdição a restaurava;  
e em mansa paz estava  
cada um com seu contrário num sujeito.  
Ó grão concerto este!  
Quem será que não julgue por celeste  
a causa donde vem tamanho efeito  
que faz num coração  
que venha o apetite a ser razão?

Aqui senti de Amor a mor fineza,  
como foi ver sentir o insensível,  
e o ver a mim de mim mesmo perder-me;  
enfim, senti negar-se a natureza;  
por onde cri que tudo era possível  
aos lindos olhos seus, senão querer-me.  
Depois que já senti desfalecer-me,  
em lugar do sentido que perdia,  
não sei que m'escrevia  
dentro n'alma co as letras da memória,  
o mais deste processo  
co claro gesto juntamente impresso  
que foi a causa de tão longa história.  
Se bem a declarei,  
eu não a escrevo, d'alma a trasladei.

Canção, se quem te ler  
não crer dos olhos lindos o que dizes,  
pelo que em si se esconde,  
os sentidos humanos, lhe responde,  
não podem dos divinos ser juízes,  
[sendo um pensamento  
que a falta supra a fé do entendimento].

## 8. Canção

Tomei a triste pena  
já de desesperado  
de vos lembrar as muitas que padeço,  
com ver que me condena  
a ficar eu culpado  
o mal que me tratais e o que mereço.  
Confesso que conheço  
que, em parte, a causa dei  
[a] o mal em que me vejo,  
pois sempre meu desejo  
a tão largas promessas entreguei;  
mas não tive suspeita

que seguísseis tenção tão imperfeita.

Se em vosso esquecimento  
tão envolto estou  
como os sinais demonstram, que mostrais;  
vivo neste tormento,  
lembranças mais não dou  
que as de razão tomar queirais:  
olhai que me tratais  
assi de dia em dia  
com vossas esquivaças;  
e as vossas esperanças,  
de que, vãmente, eu me enriquecia,  
renovam a memória;  
pois com tê-la de vós, só tenho glória.

E se isto conhecêsseis  
ser verdade pura  
como ouro de Arábia reluzente,  
inda que não quisésseis,  
a condição tão dura  
mudáreis noutra muito diferente.  
E eu, como inocente  
que estou neste caso,  
isto em mãos pusera  
de quem sentença dera  
que ficasse o direito justo e raso,  
se não arreceara  
que a vós por mim, e a mim por vós matara.

Em vós escrita vi  
vossa grande dureza,  
e n'alma escrita está que de vós vive;  
não que acabasse ali  
sua grande firmeza  
o triste desengano que então tive;  
porque antes que a dor prive  
de todos meus sentidos,  
ao grande tormento  
acode o entendimento  
com dous fortes soldados, guarnecidos  
de rica pedraria,  
que ficam sendo minha luz e guia.

Destes acompanhado,  
estou posto sem medo  
a tudo o que o fatal destino ordene;  
pode ser que, cansado,  
ou seja tarde, ou cedo,  
com pena de penar-me, me despene.



E quando me condene  
(que isto é o que espero)  
inda a maiores dores,  
perdidos os temores,  
por mais que venha, não direi: não quero.  
Contudo estou tão forte  
que nem me mudará a mesma morte.

Canção, se já não queres  
ver tanta crueldade,  
lá vás onde verás minha verdade.

## 9.

### Canção

Junto de um seco, fero e estéril monte,  
inútil e despido, calvo, informe,  
da natureza em tudo aborrecido;  
onde nem ave voa, ou fera dorme,  
nem rio claro corre, ou ferve fonte,  
nem verde ramo faz doce ruído;  
cujo nome, do vulgo introduzido  
é felix, por antífrase, infelice;  
o qual a Natureza  
situou junto à parte  
onde um braço de mar alto reparte  
Abássia, da arábica aspereza,  
onde fundada já foi Berenice,  
ficando a parte donde  
o sol que nele ferve se lhe esconde;

nele aparece o Cabo com que a costa  
africana, que vem do Austro correndo,  
limite faz, Arómata chamado  
(Arómata outro tempo, que, volvendo  
os céus, a ruda língua mal composta,  
dos próprios outro nome lhe tem dado).  
Aqui, no mar, que quer apressurado  
entrar pela garganta deste braço,  
me trouxe um tempo e teve  
minha fera ventura.

Aqui, nesta remota, áspera e dura  
parte do mundo, quis que a vida breve  
também de si deixasse um breve espaço,  
porque ficasse a vida  
pelo mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,

tristes, forçados, maus e solitários,  
trabalhosos, de dor e d'ira cheios,  
não tendo tão somente por contrários  
a vida, o sol ardente e águas frias,  
os ares grossos, férvidos e feios,  
mas os meus pensamentos, que são meios  
para enganar a própria natureza,  
também vi contra mi  
trazendo-me à memória  
algüa já passada e breve glória,  
que eu já no mundo vi, quando vivi,  
por me dobrar dos males a aspereza,  
por me mostrar que havia  
no mundo muitas horas de alegria.

Aqui estiv'eu co estes pensamentos  
gastando o tempo e a vida; os quais tão alto  
me subiam nas asas, que cala  
(e vede se seria leve o salto!)  
de sonhados e vãos contentamentos  
em desesperação de ver um dia.  
Aqui o imaginar se convertia  
num súbito chorar, e nuns suspiros  
que rompiam os ares.  
Aqui, a alma cativa,  
chagada toda, estava em carne viva,  
de dores rodeada e de pesares,  
desamparada e descoberta aos tiros  
da soberba Fortuna;  
soberba, inexorável e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,  
nem esperança algüa onde a cabeça  
um pouco reclinasse, por descanso.  
Todo lhe he dor e causa que padeça,  
mas que pereça não, porque passasse  
o que quis o Destino nunca manso.  
Oh! que este irado mar, gritando, amanso!  
Estes ventos da voz importunados,  
parece que se enfreiam!  
Somente o Céu severo,  
as Estrelas e o Fado sempre fero,  
com meu perpétuo dano se recreiam,  
mostrando-se potentes e indignados  
contra um corpo terreno,  
bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse  
saber inda por certo que algu'hora  
lembrava a uns claros olhos que já vi;

e se esta triste voz, rompendo fora,  
as orelhas angélicas tocasse  
daquela em cujo riso já vivi;  
a qual, tornada um pouco sobre si,  
revolvendo na mente pressurosa  
os tempos já passados  
de meus doces erros,  
de meus suaves males e furores,  
por ela padecidos e buscados,  
tornada (inda que tarde) piadosa,  
um pouco lhe pesasse  
e consigo por dura se julgasse;

isto só que soubesse, me seria  
descanso para a vida que me fica;  
co isto afagaria o sofrimento.  
Ah! Senhora, Senhora, que tão rica  
estais, que cá tão longe, de alegria,  
me sustentais cum doce fingimento!  
Em vos afigurando o pensamento,  
foge todo o trabalho e toda a pena.  
Só com vossas lembranças  
me acho seguro e forte  
contra o rosto feroz da fera Morte,  
e logo se me ajuntam esperanças  
com que a fronte, tornada mais serena,  
torna os tormentos graves  
em saudades brandas e suaves.

Aqui co elas fico, perguntando  
aos ventos amorosos, que respiram  
da parte donde estais, por vós, Senhora;  
às aves que ali voam, se vos viram,  
que fazíeis, que estáveis praticando,  
onde, como, com quem, que dia e que hora.  
Ali a vida cansada, que melhora,  
toma novos espíritos, com que vença  
a Fortuna e Trabalho,  
só por tornar a vervos,  
só por ir a servir-vos e querer-vos.  
Diz-me o Tempo, que a tudo dará talho;  
mas o Desejo ardente, que detença  
nunca sofreu, sem tento  
m'abre as chagas de novo ao sofrimento.

Assi vivo; e se alguém te perguntasse,  
Canção, como não mouro,  
podes-lhe responder que porque mouro.

10.  
Canção

Vinde cá, meu tão certo secretário  
dos queixumes que sempre ando fazendo,  
papel, com que a pena desafogo!  
As sem-razões digamos que, vivendo,  
me faz o inexorável e contrário  
Destino, surdo a lágrimas e a rogo.  
Deitemos água pouca em muito fogo;  
acenda-se com gritos um tormento  
que a todas as memórias seja estranho.  
Digamos mal tamanho  
a Deus, ao mundo, à gente e, enfim, ao vento,  
a quem já muitas vezes o contei,  
tanto de balde como o conto agora;  
mas, já que para erros fui nascido,  
vir este a ser um deles não duvido.  
Que, pois já de acertar estou tão fora,  
não me culpem também, se nisto erreí.  
Sequer este refúgio só terei:  
falar e errar sem culpa, livremente.  
Triste quem de tão pouco está contente!

Já me desenganei que de queixar-me  
não se alcança remédio; mas, quem pena,  
forçado lhe é gritar, se a dor é grande.  
Gritarei; mas é débil e pequena  
a voz para poder desabafar-me,  
porque nem com gritar a dor se abrande.  
Quem me dará sequer que fora mande  
lágrimas e suspiros infinitos  
iguais ao mal que dentro n'alma mora?  
Mas quem pode algu'hora  
medir o mal com lágrimas ou gritos?  
Enfim, direi aquilo que me ensinam  
a ira, a mágoa, e delas a lembrança,  
que é outra dor por si, mais dura e firme.  
Chegai, desesperados, para ouvir-me,  
e fujam os que vivem de esperança  
ou aqueles que nela se imaginam,  
porque Amor e Fortuna determinam  
de lhe darem poder para entenderem,  
à medida dos males que tiverem.

{ Quando vim da materna sepultura  
de novo ao mundo, logo me fizeram  
Estrelas infelices obrigado;  
com ter livre alvedrio, mo não deram,

que eu conheci mil vezes na ventura  
o melhor, e pior segui, forçado.  
E, para que o tormento conformado  
me dessem com a idade, quando abrisse  
inda minino, os olhos, brandamente,  
mandam que, diligente,  
um Minino sem olhos me ferisse.  
As lágrimas da infância já manavam  
com ùa saudade namorada;  
o som dos gritos, que no berço dava,  
já como de suspiros me soava.  
Co a idade e Fado estava concertado;  
porque quando, por caso, me embalavam,  
se versos de Amor tristes me cantavam,  
logo m'adormecia a natureza,  
que tão conforme estava co a tristeza }

Foi minha ama ua fera, que o destino  
não quis que mulher fosse a que tivesse  
tal nome para mim; nem a haveria.  
Assi criado fui, porque bebesse  
o veneno amoroso, de minino,  
que na maior idade beberia,  
e, por costume, não me mataria.  
Logo então vi a imagem e semelhança  
daquela humana fera tão fermosa,  
suave e venenosa,  
que me criou aos peitos da esperança;  
de que eu vi despois o original,  
que de todos os grandes desatinos  
faz a culpa soberba e soberana.  
Parece-me que tinha forma humana,  
mas cintilava espíritos divinos.  
Um meneio e presença tinha tal  
que se vangloriava todo o mal  
na vista dela; a sombra, co a viveza,  
excedia o poder da Natureza.

Que género tão novo de tormento  
teve Amor, que não fosse, não somente  
provado em mim, mas todo executado?  
Implacáveis durezas, que o fervente  
desejo, que dá força ao pensamento,  
tinham de seu propósito abalado,  
e de se ver, corrido e injuriado; a  
qui, sombras fantásticas, trazidas  
de algüas temerárias esperanças;  
as bem-aventuranças  
nelas também pintadas e fingidas;  
mas a dor do desprezo recebido,

que a fantasia me desatinava,  
estes enganos punha em desconcerto;  
aqui, o adivinhar e o ter por certo  
que era verdade quanto adivinhava,  
e logo o desdizer-me, de corrido;  
dar às cousas que via outro sentido,  
e para tudo, enfim, buscar razões;  
mas eram muitas mais as sem-razões.

Não sei como sabia estar roubando  
cos raios as entranhas, que fugiam  
por ela, pelos olhos sutilmente!  
Pouco a pouco invencíveis me saiam,  
bem como do véu húmido exalando  
está o sutil humor o Sol ardente.  
Enfim, o gesto puro e transparente,  
para quem fica baixo e sem valia  
este nome de belo e de fermoso;  
o doce e piadoso  
mover de olhos, que as almas suspendia  
foram as ervas mágicas, que o Céu  
me fez beber; as quais, por longos anos,  
noutro ser me tiveram transformado,  
e tão contente de me ver trocado  
que as mágoas enganava cos enganos;  
e diante dos olhos punha o véu  
que me encobrisse o mal, que assi creceu,  
como quem com afagos se criava  
daquele para quem crecido estava].

Pois quem pode pintar a vida ausente, c  
om um descontentar-me quanto via,  
e aquele estar tão longe donde estava,  
o falar, sem saber o que dizia,  
andar, sem ver por onde, e juntamente  
suspirar sem saber que suspirava?  
Pois quando aquele mal me atormentava  
e aquela dor que das tartáreas águas  
saiu ao mundo, e mais que todas dói,  
que tantas vezes sói  
duas iras tornar em brandas mágoas;  
agora, co furor da mágoa irado,  
querer e não querer deixar de amar,  
e mudar noutra parte por vingança  
o desejo privado de esperança,  
que tão mal se podia já mudar;  
agora, a saudade do passado  
tormento, puro, doce e magoado,  
fazia converter estes furores  
em magoadas lágrimas de amores.

Que desculpas comigo que buscava  
quando o suave Amor me não sofria  
culpa na cousa amada, e tão amada!  
enfim, eram remédios que fingia  
o medo do tormento que ensinava  
a vida a sustentar-se, de enganada.

Nisto ua parte dela foi passada,  
na qual se tive algum contentamento  
breve, imperfeito, tímido, indecente,  
não foi senão semente  
de longo e amaríssimo tormento.

Este curso contínuo de tristeza,  
estes passos tão vãmente espalhados,  
me foram apagando o ardente gosto,  
que tão de siso n'alma tinha posto,  
daqueles pensamentos namorados  
em que eu criei a tenta natureza,  
que do longo costume da aspereza,  
contra quem força humana não resiste,  
se converteu no gosto de ser triste.

Dest'arte a vida noutra fui trocando;  
eu não, mas o destino fero, irado,  
que eu ainda assi por outra não trocara.  
Fez-me deixar o pátrio ninho amado,  
passando o longo mar, que ameaçando  
tantas vezes me esteve a vida cara.

Agora, experimentando a fúria rara  
de Marte, que cos olhos quis que logo  
visse e tocasse o acerbo fruto seu  
(e neste escudo meu  
a pintura verão do infesto fogo);  
agora, peregrino vago e errante,  
vendo nações, linguages e costumes,  
Céus vários, qualidades diferentes,  
só por seguir com passos diligentes  
a ti, Fortuna injusta, que consumes  
as idades, levando-lhe diante  
üa esperança em vista de diamante,  
mas quando das mãos cai se conhece  
que é frágil vidro aquilo que aparece.

A piadade humana me faltava,  
a gente amiga já contrária via,  
no primeiro perigo; e no segundo,  
terra em que pôr os pés me falecia,  
ar para respirar se me negava,  
e faltavam-me, enfim, o tempo e o mundo.  
Que segredo tão árduo e tão profundo:

nascer para viver, e para a vida  
faltar-me quanto o mundo tem para ela!

E não poder perdê-la,  
estando tantas vezes já perdida!  
Enfim, não houve transe de fortuna,  
nem perigos, nem casos duvidosos,  
injustiças daqueles, que o confuso  
regimento do mundo, antigo abuso,  
faz sobre os outros homens poderosos,  
que eu não passasse, atado à grã coluna  
do sofrimento meu, que a importuna  
perseguição de males em pedaços  
mil vezes fez, à força de seus braços.

Não conto tantos males como aquele  
que, depois da tormenta procelosa,  
os casos dela conta em porto ledó;  
que ainda agora a Fortuna flutuosa  
a tamanhas misérias me compele,  
que de dar um só passo tenho medo.  
Já de mal que me venha não me arredo,  
nem bem que me faleça já pretendo,  
que para mim não val astúcia humana;  
de força soberana,  
la Providência, enfim, divina pendo.  
Isto que cuido e vejo, às vezes tomo  
para consolação de tantos danos.  
Mas a fraqueza humana, quando lança  
os olhos no que corre, e não alcança  
senão memória dos passados anos,  
as águas que então bebo, e o pão que como,  
lágrimas tristes são, que eu nunca domo  
senão com fabricar na fantasia  
fantásticas pinturas de alegria.

Que se possível fosse, que tornasse  
o tempo para trás, como a memória,  
pelos vestígios da primeira idade,  
e de novo tecendo a antiga história  
de meus doces erros, me levasse  
pelas flores que vi da mocidade;  
e a lembrança da longa saudade  
então fosse maior contentamento,  
vendo a conversação leda e suave,  
onde ùa e outra chave esteve  
de meu novo pensamento,  
os campos, as passadas, os sinais,  
a fermosura, os olhos, a brandura,  
a graça, a mansidão, a cortesia,  
a sincera amizade, que desvia



toda a baixa tenção, terrena, impura,  
como a qual outra algũa não vi mais...  
Ah! vês memórias, onde me levais  
o fraco coração, que ainda não posso  
domar este tão vão desejo vosso?

Nô mais, Canção, nô mais; que irei falando,  
sem o sentir, mil anos. E se acaso  
te culparem de larga e de pesada,  
não pode ser (lhe dize) limitada  
a água do mar em tão pequeno vaso.  
Nem eu delicadezas vou cantando  
co gosto do louvor, mas explicando  
puras verdades já por mim passadas.  
Oxalá foram fábulas sonhadas!

## 11. Elegia

O Poeta Simónides, falando  
co capitão Temístocles, um dia,  
em cusas de ciência praticando,  
ü a arte singular lhe prometia,  
que então compunha, com que lhe ensinasse  
a se lembrar de tudo o que fazia;  
onde tão sutis regras lhe mostrasse  
que nunca lhe passasse da memória  
em nenhum tempo as cousas que passasse.  
Bem merecia, certo, fama e glória  
quem dava regra contra o esquecimento  
que enterra em si qualquer antiga história.  
Mas o capitão claro, cujo intento  
bem diferente estava, porque havia  
as passadas lembranças por tormento;  
ilustre Simónides! (dezia)  
Pois tanto em teu engenho te confias  
que mostras à memória nova via,  
e me desses üa arte que em meus dias  
me não lembrasse nada do passado,  
oh! quanto melhor obra me farias!  
Se este excelente dito ponderado  
fosse por quem se visse estar ausente,  
em longas esperanças degradado,  
ah! como bradaria justamente:  
Simónides, inventa novas artes;  
não meças o passado co presente!  
Que, se é forçado andar por várias partes  
buscando à vida algum descanso honesto,

que tu, Fortuna injusta, mal repartes;  
se o duro trabalho é manifesto  
que por grave que seja, há-de passar-se  
com animoso espirito e ledto gesto;  
de que serve às pessoas alembrar-se  
do que se passou já, pois tudo passa,  
senão de entristecer-se e magoar-se?  
Se noutro corpo ùa alma se traspassa,  
não, como quis Pitágoras, na morte  
mas como manda Amor na vida escassa;  
e se este Amor no mundo está de sorte  
que na virtude só dum lindo objecto  
tem um corpo sem alma, vivo e forte;  
onde este objecto falta, que é defecto  
tamanho para a vida, que já nela  
me está chamando à pena a dura Alecto;  
porque me não criara minha estrela  
selvático no mundo, e habitante  
na dura Cítia, ou na aspereza dela,  
ou no Cáucaso horrendo? Fraco infante,  
criado ao peito d'algũa tigre hircana,  
homem fora formado de diamante,  
porque a cerviz ferina e inumana  
não sometera ao jugo e dura lei  
daquele que dá vida quando engana.  
Ou, em pago das águas qu'estilei,  
as que do mar passei foram de Lete, p  
ara que me esquecera o que passei.  
Que o bem que a esperança vã promete,  
ou a morte o estorva, ou a mudança,  
que é mal que ua alma em lágrimas derrete.  
Já, Senhor, cairá como a lembrança,  
no mal, do bem passado é triste e dura,  
pois nasce aonde morre a esperança.  
E se quiser saber como se apura  
nua alma saudosa, não se enfade  
de ler tão longa e mísera escritura.  
Soltava Eolo a rédea e liberdade  
ao manso Favónio brandamente,  
e eu já tinha solta a saudade.  
Neptuno tinha posto o seu tridente;  
a proa a branca escuma dividia,  
co a gente marítima contente.  
O coro das Nereidas nos seguia,  
os ventos, namorada Galateia  
consigo, sossegados, os movia.  
Das argêntas conchinhas, Panopeia  
andava pelo mar fazendo molhos,  
Melanto, Dinamene, com Ligeia.  
Eu, trazendo lembranças por antolhos,

trazia os olhos na água sossegada,  
e a água sem sossego nos meus olhos.  
A bem-aventurança já passada  
diante mim tinha tão presente  
como se não mudasse o tempo nada.  
E com o gesto imoto e descontente,  
cum suspiro profundo, e mal ouvido,  
por não mostrar meu mal a toda a gente,  
dezia: Ó claras Ninfas! Se o sentido  
em puro amor tivestes, e inda agora  
da memória o não tendes esquecido;  
se, porventura, fordes algũa hora  
aonde entra o grão Tejo a dar tributo  
a Tétis, que vós tendes por Senhora;  
ou por verdes o prado verde enxuto,  
ou por colherdes ouro rutilante,  
das tágicas areias rico fruto;  
nelas em verso heróico e elegante,  
escrevei cúa concha o que em mim vistes:  
pode ser que algum peito se quebrante.  
E contando de mim memórias tristes,  
os pastores do Tejo, que me ouviam,  
ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.  
Elas, que já no gesto me entendiam,  
nos meneios das ondas me mostravam  
que em quanto lhe pedia consentiam.  
Estas lembranças, que me acompanhavam  
pola tranquilidade da bonança,  
nem na tormenta grave me deixavam.  
Porque, chegado ao Cabo da Esperança,  
começo da saudade que renova,  
lembrando a longa e áspera mudança;  
debaixo estando já da Estrela nova,  
que no novo Hemisfério resplandece,  
dando do segundo axe certa prova;  
eis a noite com nuvens escurece,  
do ar supitamente foge o dia,  
e o largo oceano se embravece.  
A máquina do Mundo parecia  
que em tormenta se vinha desfazendo,  
em serras todo o mar se convertia.  
Lutando Bóreas fero e Noto horrendo,  
sonoras tempestades levantavam,  
das naus as velas côncavas rompendo.  
As cordas, ao ruído, associavam,  
os marinheiros, já desesperados,  
com gritos para o Céu o ar coalhavam.  
Os raios por Vulcano fabricados  
vibrava o fero e áspero Tonante,  
tremendo os Pólos ambos, de assombrados!

Ali Amor mostrando-se possante  
e que por nenhum modo não fugia,  
mas quanto mais trabalho, mais constante;  
vendo a morte diante, em mim dizia:  
Se algũa hora, Senhora, vos lembrasse,  
nada do que passei me lembraria.  
Enfim, nunca houve cousa que mudasse  
o firme Amor do intrínseco daquele  
em cujo peito ùa vez de siso entrasse.  
ùa cousa, Senhor, por certo assele;  
que nunca Amor se afina, nem se apura,  
enquanto está presente a causa dele.  
Dest'arte me chegou minha ventura  
a esta desejada e longa terra,  
de todo o pobre honrado sepultura.  
Vi quanta vaidade em nós se encerra,  
e dos próprios quão pouca; contra quem  
foi logo necessário termos guerra.  
Que ùa ilha que o rei de Porcá tem,  
que o rei da Pimenta lhe tomara,  
fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.  
Com ùa armada grossa, que ajuntara  
o vizo-rei de Goa, nos partimos  
com toda a gente d'armas que se achara,  
e com pouco trabalho destruímos  
a gente no curvo arco exercitada;  
com mortes, com incêndios, os punimos.  
Era a ilha com águas alagada,  
de modo que se andava em almadias;  
enfim, outra Veneza trasladada.  
Nela nos detivemos sós dous dias,  
que foram para alguns os derradeiros,  
que passaram de Estige as águas frias.  
Que estes são os remédios verdadeiros  
que para a vida estão aparelhados  
aos que a querem ter por cavaleiros.  
Oh, lavradores bem-aventurados!  
Se conhecessem seu contentamento,  
como vivem no campo sossegados!  
Dá-lhes a justa terra o mantimento,  
dá-lhes a fonte clara a água pura,  
mungem suas ovelhas cento a cento.  
Não vêm o mar irado, a noite escura,  
por ir buscar a pedra do Oriente;  
não temem o furor da guerra dura.  
Vive um com suas árvores contente,  
sem lhe quebrar o sono sossegado  
o cuidado do ouro reluzente.  
Se lhe falta o vestido perfumado,  
e da fermosa cor assíria tinto,

e dos torçais atálicos lavrado;  
se não tem as delicias de Corinto,  
e se de Pário os mármoreos lhe faltam,  
o piropo, a esmeralda, e o jacinto;  
se suas casas d'ouro não se esmaltam,  
esmalta-se-lhe o campo de mil flores,  
onde os cabritos seus, comendo, saltam.  
Ali amostra o campo várias cores,  
vêm-se os ramos pender co fruto ameno,  
ali se afina o canto dos pastores:  
ali cantara Títiro e Sileno.  
Enfim, por estas partes caminhou  
a sã justiça para o Céu sereno.  
Ditoso seja aquele que alcançou  
poder viver na doce companhia  
das mansas ovelhinhas que criou!  
Este, bem facilmente alcançaria  
as causas naturais de toda a cousa:  
como se gera a chuva e neve fria;  
os trabalhos do Sol, que não repousa;  
e porque nos dá a Lua a luz alheia,  
se tolher-nos de Febo os raios ousa;  
e como tão depressa o Céu rodeia;  
e como um só, os outros traz consigo;  
e se é benina ou dura Citereia.  
Bem mal pode entender isto que digo  
quem há-de andar seguindo o fero Marte,  
que traz os olhos sempre em seu perigo.  
Porém seja, Senhor, de qualquer arte,  
que, posto que a Fortuna possa tanto,  
que tão longe de todo o bem me aparte,  
não poderá apartar meu duro canto  
desta obrigação sua, enquanto a morte  
me não entrega ao duro Radamanto,  
—se para tristes há tão leda sorte.

## 12. Elegia

*D. António de Noronha,  
estando o Autor na India*

Aquela que de amor descomedido  
pelo fermoso moço se perdeu  
que só por si de amores foi perdido,  
depois que a deusa em pedra a converteu  
de seu humano gesto verdadeiro,  
a última vez só lhe concedeu.  
assi meu mal do próprio ser primeiro

outra cousa nenhũa me consente  
que este canto que escrevo derradeiro.  
E se algũa pouca vida, estando ausente,  
me deixa Amor, é porque o pensamento  
sinta a perda do bem de estar presente.  
Senhor, se vos espanta o sentimento  
que tenho em tanto mal, para escrevê-lo  
furto este breve tempo a meu tormento.  
Porque quem tem poder para sofrê-lo,  
sem se acabar a vida co cuidado,  
também terá poder para dize-lo.  
Nem eu escrevo mal tão costumado,  
mas n'alma minha, triste e saudosa,  
a saudade escreve, e eu traslado.  
Ando gastando a vida trabalhosa,  
espalhando a continua saudade  
ao longo de ua praia saudoso.  
Vejo do mar a instabilidade,  
como com seu ruído impetuoso  
retumba na maior concavidade.  
E com sua branca escuma, furioso,  
na terra, a seu pesar, lhe está tomando  
lugar onde se estenda, cavernoso.  
Ela, como mais fraca, lhe está dando  
as côncavas entranhas, onde esteja  
suas salgadas ondas espalhando.  
A todas estas cousas tenho enveja  
tamanha, que não sei determinar-me,  
por mais determinado que me veja.  
Se quero em tanto mal desesperar-me,  
não posso, porque Amor e Saudade,  
nem licença me dão para matar-me.  
As vezes cuido em mim se a novidade  
e estranheza das cousas, co a mudança  
se poderão mudar ùa vontade.  
E com isto afiguro na lembrança  
a nova terra, o novo trato humano,  
a estrangeira gente e estranha usança.  
Subo-me ao monte que Hércules tebano  
do altíssimo Calpe dividiu,  
dando caminho ao mar Mediterraneo.  
Dali estou tenteando aonde viu  
o pomar das Hespéridas, matando  
a serpe que a seu passo resistiu.  
Em outra parte estou afigurando  
o poderoso Anteu que, derrubado,  
mais força se lhe estava acrescentando;  
mas do hercúleo braço sojugado, n  
o ar deixou a vida, não podendo  
da madre terra já ser ajudado.

Nem com isto, enfim, que estou dizendo,  
nem com as armas tão continuadas,  
de lembranças passadas me defendo.  
Todas as cousas vejo remudadas,  
porque o tempo ligeiro não consente  
que estejam de firmeza acompanhadas.  
Vi já que a Primavera, de contente,  
de mil cores alegres revestia  
o monte, o rio, o campo alegremente.  
Vi já das altas aves a harmonia,  
que até aos montes duros convidava  
a um modo suave de alegria.  
Vi já que tudo, enfim, me contentava,  
e que, de muito cheio de firmeza,  
um mal por mil prazeres não trocava.  
Tal me tem a mudança e estranheza  
que, se vou pelos campos, a verdura,  
parece que se seca, de tristeza.  
Mas isto é já costume da ventura;  
que os olhos que vivem descontentes,  
descontente o prazer se lhe afigura.  
Ó graves e insofríveis acidentes  
de Fortuna e de Amor que a penitência  
tão grave dais aos peitos inocentes!  
Não basta exprimentar-me a paciência,  
com temores e falsas esperanças,  
sem que também me atente o mel de ausência?  
Trazeis um brando animo em mudanças,  
para que nunca possa ser mudado  
de lágrimas, suspiros e lembranças.  
E se estiver ao mal acostumado,  
também no mal não consentis firmeza,  
para que nunca viva descansado.  
Vivia eu sossegado na tristeza,  
e ali não me faltava um brando engano,  
que tirasse os desejos da fraqueza.  
E vendo-me enganado estar ufano,  
deu à roda Fortuna, e deu comigo  
onde de novo choro o novo dano.  
Já deve de bastar o que aqui digo  
para dar a entender o mais que calo,  
a quem já viu tão áspero perigo.  
E se nos bravos peitos faz abalo  
um peito magoado e descontente,  
que obriga a quem o ouve a consolá-lo;  
não quero mais senso que largamente,  
Senhor, me mandeis novas dessa terra:  
ao menos poderei viver contente.  
Porque se o duro Fado me desterra,  
tanto tempo do bem que o fraco esprito

desampare a prisão onde se encerra,  
ao som das negras águas de Cocito,  
ao pé dos carregados arvoredos  
cantarei o que na alma tenho escrito.  
E, por entre esses hórridos penedos,  
a quem negou Natura o claro dia,  
entre tormentos ásperos e medos,  
com a trémula voz, cansada e fria,  
celebrarei o gesto claro e puro  
que nunca perderei da fantasia.  
E o músico de Trácia, já seguro  
de perder sua Eurídice, tangendo  
me ajudará, ferindo o ar escuro.  
As namoradas sombras, revolvendo  
memórias do passado, me ouvirão;  
e com seu choro, o rio irá crescendo.  
Em Salmoneu as penas faltarão,  
e das filhas de Belo, juntamente,  
de lágrimas os vasos se encherão.  
Que se o amor não se perde em vida ausente,  
menos se perderá por morte escura;  
porque, enfim, a alma vive eternamente,  
e amor é afeito d'alma, e sempre dura.

### 13.

#### Elegia

O sulmonense Ovídio, desterrado  
na aspereza do Ponto, imaginando  
ver-se de seus parentes apartado;  
sua cara mulher desamparando,  
seus doces filhos, seu contentamento,  
de sua pátria os olhos apartando;  
não podendo encobrir o sentimento,  
aos montes e às águas se queixava  
de seu escuro e triste nascimento.  
O curso das estrelas contemplava,  
e como por sua ordem discorria  
o céu, o ar e a terra adonde estava.  
Os peixes pelo mar nadando via,  
as feras pelo monte, procedendo  
como seu natural lhes permitia.  
De suas fontes via estar nascendo  
os saudosos rios de cristal,  
a sua natureza obedecendo.  
Assi só, de seu próprio natural  
apartado, se via em terra estranha,  
a cuja triste dor não acha igual.



Só sua doce Musa o acompanha,  
nos versas saudosos que escrevia,  
e lágrimas com que ali o campo banha.  
Dest'arte me afigura a fantasia a vida  
com que vivo, desterrado do bem  
que noutro tempo possuía.  
Ali contemplo o gosto já passado,  
que nunca passará pola memória  
de quem o tem na mente debuxado.  
Ali vejo a caduca e débil glória  
desenganar meu erro, co a mudança  
que faz a frágil vida transitória.  
Ali me representa esta lembrança  
quão pouca culpa tenho; e me entristece  
ver sem razão a pena que me alcança.  
Que a pena que com causa se padece,  
a causa tira o sentimento dela;  
mas muito dói a que se não merece.  
Quando a roxa manhã, formosa  
e bela, abre as portas ao sol, e cai o orvalho,  
e torna a seus queixumes filomela;  
este cuidado que co sono atalho  
em sonhos me parece; que o que a gente  
para descanso tem, me dá trabalho.  
E depois de acordado, cegamente  
(ou, por melhor dizer, desacordado,  
que pouco acordo tem um descontente)  
dali me vou com passo carregado,  
a um outeiro erguido, e ali me assento,  
soltando a rédea toda a meu cuidado.  
Despois de farto já de meu tormento,  
dali estendo os olhos saudosos  
à parte aonde tenho o pensamento.  
Não vejo senão montes pedregosos;  
e os campos sem graça e secos vejo  
que já floridos vira e graciosos.  
Vejo o puro, suave e brando Tejo,  
com as côncovas barcas, que, nadando,  
vão pondo em doce efeito seu desejo.  
as co brando vento navegando, o  
utras cos leves remos, brandamente  
as cristalinas águas apartando.  
Dali falo co a água, que não sente  
com cujo sentimento a alma sai  
em lágrimas desfeita claramente.  
Ó fugitivas ondas, esperai!  
que, pois me não levais em companhia  
ao menos estas lágrimas levai,  
até que venha aquele alegre dia  
que eu vá onde vós is, contente e ledó.

Mas tanto tempo quem o passaria?  
Não pode tanto bem chegar tão cedo,  
    porque primeiro a vida acabará  
    que se acabe tão áspero degredo.  
Mas esta triste morte que virá,  
se em tão contrário estado me acabasse,  
    a alma impaciente adonde irá?  
Que, se às portas tartáreas chegasse,  
    temo que tanto mal pola memória  
    nem ao passar de Lete lhe passasse.  
Que, se a Tântalo e Tício for notória  
a pena com que vai que a atormenta,  
    a pena que lá tem terão por glória.  
Esta imaginação me acrescenta  
mil mágoas no sentido, porque a vida  
de imaginações tristes se sustenta.  
Que, pois de todo vive consumido,  
porque o mal que possui se resuma,  
    imagina na glória possuída,  
até que a noite eterna me consuma,  
    ou veja aquele dia desejado,  
em que Fortuna faça o que costuma;  
—se nela há i mudar um triste estado.

#### 14.

#### Elegia

( *CAPÍTULO* )

Aquele mover d'olhos excelente,  
aquele vivo espírito inflamado  
do cristalino rosto transparente;  
aquele gesto imoto e repousado,  
que estando n'alma propriamente escrito,  
não pode ser em verso trasladado;  
aquele parecer que é infinito  
para se compreender de engenho humano,  
o qual ofendo em quanto tenho dito,  
me inflama o coração dum doce engano,  
m'enleva e engrandece a fantasia,  
que não vi maior glória que meu dano.  
Oh bem-aventurado seja o dia  
em que tomei tão doce pensamento,  
que de todos os outros me desvia!  
E bem-aventurado o sofrimento  
que soube ser capaz de tanta pena,  
vendo que o foi da causa o entendimento!  
Faça-me, quem me mata, o mel que ordena;

trate-me com enganos, desamores;  
que então me salva, quando me condena.  
E se de tão suaves disfavores  
penando vive ùa alma consumida,  
oh! que doce penar! que doces dores!  
E se ùa condição endurecida  
também me nega a morte por meu dano,  
oh! que doce morrer! que doce vida!  
E se me mostra um gesto brando e humano,  
como que de meu mal culpada se acha,  
oh! que doce mentir! que doce engano!  
E se em querer-lhe tanto ponho tacha,  
mostrando refrear o pensamento,  
oh! que doce fingir! que doce cacha!  
Assi que ponho já no sofrimento  
a parte principal de minha glória,  
tomando por melhor todo o tormento.  
Se sinto tanto bem só na memória  
de vos ver, linda Dama, vencedora,  
que quero eu mais que ser vossa a vitória?  
Se tanto vossa vista mais namora  
quanto eu sou menos para merecer-vos,  
que quero eu mais que ter-vos por Senhora ?  
Se procede este bem de conhecer-vos  
e consiste o vencerem ser vencido,  
que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?  
Se em meu proveito faz qualquer partido,  
só; na vista duns olhos tão serenos,  
que quero eu mais ganhar que ser perdido?  
Se meus baixos espiritos de pequenos,  
ainda não merecem seu tormento,  
que quero eu mais, que o mais não seja menos?  
A causa, enfi, m'esforça o sofrimento,  
porque, apesar do mal, que me resiste,  
de todos os trabalhos me contento;  
que a razão faz a pena alegre ou triste.

## 15.

### Elegia

Se quando contemplamos as secretas  
Causas, por que o mundo se sustenta,  
o revolver dos céus e dos planetas;  
e se quando à memória se apresent a  
este curso do Sol, que é tão medido  
que um ponto só não mingua nem se aumenta;  
aquele efeito, tarde conhecido,  
da Lua, em ser mudável tão constant e

que minguar e crescer é seu partido;  
aquela natureza tão possant e  
dos Céus, que tão conforme se contrários  
caminham, sem parar um breve instante ;  
aqueles movimentos ordinários,  
a que responde o tempo, que não mente,  
cos efei os da Terra necessáros;  
se quando, enfim, revolve sutilmen te  
tantas cousas a leve fantasia,  
sagaz, escrutadora e diligente;  
vê bem, se da razão se não desvia,  
o altíssimo Ser, puro e divino,  
que tudo pode, manda, move e cria ;  
sem fim e sem começo: um ser contino;  
um Padre grande, a quem tudo é possível,  
por mais árduo que seja ao homem indino;  
um saber infinito, incompreensível;  
ũa verdade que nas cousas anda,  
que mora no visível e no invisível.  
Esta Potência, enfim, que tudo manda,  
esta Causa das causas, revestida  
foi desta nossa carne miseranda.  
Do amor e da justiça compelida,  
polos erros da gente, em mãos da gente  
(como se Deus não fosse!) perde a vida.  
Ó cristão descuidado e negligente  
pondera isto, que digo, repousado,  
não passes por aqui tão levemente.  
Não, que aquele Deus alto incriado,  
Senhor das cousas todas, que fundou  
o Céu, a Terra, o fogo e o mar irado,  
não do confuso Caos, como cuidou  
a falsa teologia e povo escuro,  
que nesta só verdade tanto errou;  
não dos átomos falsos de Epicuro;  
não do largo Oceano, como Tales,  
mas só do pensamento casto e puro.  
Olha, animal humano, quanto vales,  
que por ti este grande Deus padece,  
novo modo de morte, novos males.  
Olha que o Sol no Olimpo se escurece,  
não por oposição doutro planeta,  
mas só porque virtude lhe falece.  
Não vês que a grande máquina inquieta  
do mundo se desfaz toda em tristeza,  
e não por natural causa secreta?  
Não vês como se perde a natureza?  
O ar se turba? o mar, batendo, geme,  
desfazendo das pedras a dureza?  
Não vês que os montes caem? a terra treme?

E que até na remota e grande Atenas,  
o sábio Dionísio sente e teme?  
O sumo Deus! tu mesmo te condenas  
pelo mal em que eu só sou tão culpado,  
a Amanhas afrontas, tantas penas.  
Por mim, Senhor, no mundo reputado  
por falso e por quebrantados da lei  
a fama de ti se põe do meu pecado.  
Eu, Senhor, sou ladrão; tu, justo Rei;  
eu, só furtei; tu, com ladrões padeces;  
a pena a-ti se dá do que eu pequei.  
Eu, servo sem valor; tu, sumo preço,  
em preço vil te pões, por me tirares  
do cativo eterno, que mereço.  
Eu, por perder-te; e tu, por me ganhares,  
te dás aos homens baixos, que te vendem,  
só para os homens presos resgatares.  
A ti, que as almas soltas, a ti prendem;  
a ti, sumo Juiz, ante juízes te acusam,  
polo error dos que te ofendem.  
Chamem-te malfeitor, não contradizes;  
sendo tu dos Profetas a certeza,  
dizem que quem te fere profetizes.  
Rim-se de ti; tu choras a crueza  
que sobre eles virá. A gente dura,  
por quem tu vens ao mundo, te despreza.  
O teu rosto, de cuja fermosura  
se veste o Céu e o Sol resplandecente,  
diante de que muda está a Natura,  
com cruas bofetadas da vil gente,  
de precioso sangue está banhado,  
cuspido, arrepelado cruelmente.  
Aquele corpo tenro e delicado,  
sobre todos os Santos sacrossanto,  
de açoutes rigorosos flagelado;  
despois, coberto mal de um pobre manto,  
que se pegava às carnes magoadas,  
para dobrar-lhe as dores outro tanto.  
Magoavam-no as chagas não curadas,  
um tormento causando-lhe, excessivo,  
ao despir pelas mãos cruéis e iradas.  
As santíssimas barbas de Deus vivo,  
de resplendor ornadas lhe arrancavam,  
para desempenhar Adão cativo.  
Com cordas pelas ruas o levavam,  
levando sobre os ombros o trofeu  
das vitórias que as almas alcançavam.  
O tu que passas, homem Cireneu,  
ajuda um pouco este Homem verdadeiro,  
que agora como humano enfraqueceu!

Olha que o corpo, aflito do marteiro  
e dos longos jejuns debilitado,  
não pode já co peso do madeiro.  
Oh não enfraqueçais, Deus encarnado!  
Essas quedas, que tanto vos magoam,  
suportai, Cavaleiro sublimado!  
Que aquelas altas vozes que lá soam,  
Padres são que estão no Limbo escuro,  
que já de louro e palma vos coroam.  
Todos vos bradam, que subais ao muro  
da cidade infernal, e que arvoreis  
em cima essa bandeira, mui seguro.  
Oh Santos Padres, não vos apresseis,  
que muito mais a Deus que a vós custaram  
essas duras prisões em que jazeis!  
quelas mãos, que o mundo edificaram,  
aqueles pés, que pisam as estrelas,  
com duríssimos pregos se encravaram.  
Mas qual será a pessoa que as querelas  
da angustiada Virgem contemplesse  
que não se mova à dor e à mágoa delas?  
E que dos olhos seus não estilhasse  
tanta cópia de lágrimas ardentes  
que carreiras no rosto assinalasse?  
Oh quem lhe vira os olhos refulgentes  
desfazendo-se em lágrimas, regando  
aquelas belas faces excelentes!  
Quem a vira cos gritos ir tocando  
as estrelas, a quem responde o Céu,  
cos acentos dos Anjos retumbando!  
Quem vira quando o claro rosto ergueu  
a ver o Filho, que na Cruz pendia,  
donde a nossa saúde descendeu!  
Que mágoas tão chorosas que diria!  
Que palavras tão míseras e tristes  
para o Céu, para a gente espalharia!  
Pois que seria, Virgem, quando vistes  
com fel nojoso e com vinagre amaro  
matar a sede ao Filho que paristes?  
Não era este o licor suave e claro  
que, para o confortar, então daríeis  
a quem vos era, mais que a vida, caro.  
Como, Virgem Senhora, não corríeis  
a dar as tetas puras ao Cordeiro  
que padecer na Cruz com sede víeis?  
Não só era esse, Senhora, o verdadeiro  
poto, que vosso Filho desejava  
morrendo polo mundo num madeiro;  
mas [era] a salvação, que ali ganhava  
para o mísero Adão, que ali bebia

na fonte, que do peito lhe manava.  
Pois, ó pura e Santíssima Maria,  
que, enfim, sentistes esta magoa, quanto  
a gravidade dela o requeria;  
dessa Fonte sagrada e peito santo  
me alcançai ùa gata, com que lave  
a culpa, que me agrava e pesa tanto.  
Do licor salutífero e suave  
me abrangi, com que mate a sede dura  
deste mundo tão cego, torpe e grave.  
Assi, Senhora, toda a criatura  
que vive e viverá, que não conhece  
a Lei do vosso Filho, santa e pura;  
o falsíssimo herege, que carece  
da graça, e com danado e falso espirito  
perturba a Santa Igreja, que floresce;  
O povo pertinaz, no antigo rito,  
que só o desterro seu, que tanto dura,  
lhe diz que é pena igual ao seu delito;  
o torpe Ismaelita, que mistura  
as leis, e com preceitos viciosos  
na terra estende a seita falsa, impura;  
os idólatras maus, supersticiosos,  
vários de opiniões e de costume,  
levados de conceitos fabulosos;  
as mais remotas gentes, onde o lume  
da nossa fé não chega, nem que tenham  
religião algũa se presume;  
assi todos, enfim, Senhora, venham  
confessar um só Deus crucificado,  
e por nenhum respeito se detenham.  
Mas de todos o vicio já passado,  
o Seu nome co vosso, neste dia  
seja por todo mundo celebrado  
E respondam os Céus: JESUS, MARIA.

## 16. Elegia

*À morte de D. Miguel de Meneses,  
filho de D. Henrique de Meneses,  
governador da casa do Cível, que  
morreu na Índia*

Que novas tristes são, que novo dano,  
que mal inopinado incerto dano,  
tingindo de temor o vulto humano?  
Que vejo as praias húmidas de Goa  
ferver de gente atónita e torvada

do rumor que de boca em boca soa.  
É morto D. Miguel (ah! crua espada!)  
e parte da lustrosa companhia  
que se embarcou na alegre e triste armada;  
de espingarda ardente e lança fria  
passado pelo torpe e inico braço  
que nossas altas famas injuria.  
Não lhe valeu rodela ou peito de aço,  
nem animo de Avós altos herdado,  
com que se defendeu tamanho espaço;  
não ter-se em derredor todo cercado  
de corpos de inimigos, que exalavam  
a negra alma do corpo traspassado;  
não com palavras fortes, que voavam  
a animar os incertos companheiros,  
que fortes caem e tímidos viravam.  
Mas já postos nos termos derradeiros,  
passados por mil partes e cortados  
os membros, só do nobre esforço inteiros,  
os olhos, de furor acompanhados,  
que inda na morte as vidas amedrontam  
dos fracos inimigos espantados,  
postos no Céu, parece que apresentam  
a pura alma à suprema Eternidade,  
por quem os Céus e Terra se sustentam.  
E, pedindo dos erros que na idade  
verde e quase inocente já fazia,  
perdão à pia e justa Majestade,  
as rosas apartou da nove fria;  
e, como flama fraca, a quem falece  
seu húmido licor, de que vivia,  
nas mãos do Coro Angélico, que dece,  
se entrega; e vai gozar da vida eterna  
que com tão justa morte se merece.  
Vai-te, alma, em paz à glória sempiterna!  
Vai, que quem pela Lei santa e divina  
morre, a dá a Deus, que os Céus governa.  
Quando pela razão devida e dina  
do Rei, da Pátria, e honra dos passados  
sacrificar a vida nos ensina,  
nos assentos de estrelas esmaltados  
lhe dá lugar a altíssima Clemência  
entre os heróis à glória destinados.  
Mas, ah! quem sofrerá perpétua ausência  
e tão caro Senhor, tão fido amigo!  
Quem porá contra mágoas resistência?  
Aquele animo grande, que do antigo  
de seus maiores era alto retrato,  
desprezador de todo o vil perigo;  
misturado com doce e brando trato



cos iguais Juntamente' e cos menores  
a todos amoroso, a todos grato;  
aquele espirito nobre, onde maiores  
esperanças cresciam, se o tão duro  
caso, as não cortara em novas flores;  
em verde idade, siso já maduro,  
alegre riso, ledó e aberto peito, e  
m repousado espírito seguro;  
não soberbo e por arte contrafeito,  
mas todo puro e, enfim, da natureza  
mais para o Céu que para a terra feito;  
também do corpo a humana gentileza  
o bem talhado gesto, que mostrava  
forças iguais e manhas com destreza;  
a cor, que o fresco rosto matizava,  
as rosas, flores novas de alegria,  
com que o Verão as faces adornava;  
tudo os fios da Morte, que desvia  
dos propósitos nossos e salteia,  
cortaram cruamente, quando abria.  
Deixa pois tu, fermosa Citereia,  
do gentil filho e neto de Ciniras  
o pranto pela morte horrenda e feia.  
E tu, dourado Apolo, que suspiras  
pelo crespo Hiacinto, moço caro,  
por quem a clara luz ao mundo tiras;  
vinde e chora um moço ao mundo raro,  
não de ferino dente vulnerado,  
nem de animal algum que haja reparo,  
mas só do fero imigo traspassado;  
que, sem dúvida incerta ou pio medo,  
a vida pôs nas mãos de Marte irado.  
Está tu também, moço Idálio, quedo,  
deixa de dar o venenoso mel a beber  
pelos olhos triste e ledó,  
que já os fermosos olhos de Miguel  
cobertos são do negro e escuro manto  
da lei geral, a todos mais cruel.  
E vós, filhas de Téspis, que do canto  
podeis bem mitigar a lei imensa  
dos irmãos generosos e alto pranto,  
não consintais que façam larga ofensa  
à grande integridade, que, se devem,  
não são águas do dano recompensa.  
Que já, diante, os olhos me descrevem,  
quando as bocas da fama voadora  
ao pátrio e claro Tejo as novas levem,  
a profunda tristeza, que em ùa hora  
tal posse tomará dos altos peitos,  
que a razão quase quase deite fora.

Ali, de dor, os corações sujeitos  
pesadas lhe serão consolações  
e pesados exemplos e respeitos.  
Pequena é certo a dor, que com razões  
se pôde refrear, nem com memória  
de outros antigos e integros varões.  
Mas porém se igualais a vida à glória,  
meu grande Dom Filipe, e pretendeis d  
eixar de vossas obras larga história,  
eu não vos admoesto, que estreiteis  
o coração na estóica disciplina,  
onde livre de efeitos vos mostreis,  
que mal natura nossa determina  
medo, esperanças, dores e alegria,  
como o Cínico velho nos ensina.

Imanidade estúpida (diria  
o sulmonense canto) e vil rudeza  
é não sentir afeitos, que a alma cria.  
Porém, se não sentir nada é bruteza,  
e se paixão de vida se consente,  
também o sentir muito é já fraqueza.  
Se dói a opinião do mal presente,  
e medo e opinião do mal futuro,  
são, enfim, tudo opiniões da gente.  
O verdadeiro sábio está seguro  
de leves alegrias e de espanto de dor,  
que turba da alma o licor puro.  
Inda antes que aconteça o riso e o pranto  
os tem já no sentido meditados,  
livre está de alvoroço e de quebranto.  
E como de alta torre vê cuidados  
humanos vãos, e aquela indiferença  
de ambições e cobiças e Recados;  
todo caso acha nele só presença,  
que, como as febres são da carne humana,  
assi os afeitos d'alma são doença.  
Se esta doutrina credes, que é profana,  
ponde os olhos na nossa, que é divina,  
e sobre todas santa e soberana.  
Vereis Arão, que não se contamina  
sobre os montes seus, que defendida  
a dor lhe foi da santa disciplina.  
Não chega a ver parentes, que da vida  
partidos são, que n'alma a Deus agrada  
que nenhũa aflição do mundo impida.  
Nós somos geração a Deus dicada  
sacerdotal, que em tempo nenhum deve  
do gentílico culto ser tocada.  
Se dos antigos Padres já se escreve,  
que, chorando, aos mortos enterraram

com dor e pranto público, e não leve,  
era porque ainda as portas não quebraram  
do Céu sereno aquelas mãos cravadas  
que os antigos contágios alimpavam.  
E também por ornar as sempre usadas  
pompas do funeral enterramento  
com públicas exéquias costumadas.  
Esta alta fortaleza e sofrimento  
como a forte Varão vos é devido,  
e como lei do santo documento.  
Bem conheço que o corpo assi perdido,  
que do sepulcro nobre aqui carece  
será de aves ou feras consumido.  
Mortos os Espartanos valerosos,  
da fera multidão fazendo estremos  
tais epitáfios tinham gloriosos:  
Dirás, hóspede, tu, que aqui jazemos  
passado do inimigo fero, enquanto  
às santas leis da Pátria obedecemos.  
Fugindo os Persas vão com frio espanto,  
mas acham as mulheres no caminho  
amostrando-lhe o ventre sem ter manto:  
—Pois fugis do perigo, que é vizinho,  
fracos! vinde esconder-vos (lhe diziam)  
outra vez no materno, escuro ninho.  
Vedes quais com mais glória ficariam  
se aqueles que enfim morreram pelo Estado,  
se os outros, que as mulheres injuriam.  
Mas tu, claro Miguel! que já acordado  
deste sonho tão breve, estás naquela  
torre do Céu, seguro e repousado,  
onde, com Deus unida a forte e bela  
alma, com teus maiores reluzindo,  
por cada chaga tens ùa clara estrela;  
os pés o cristalino Céu medindo,  
pisando essas lucíferas Esferas,  
já da terrena os olhos encobrimdo;  
agora um curso e outro consideras,  
agora a vaidade dos mortais,  
que tu tam bem passaras, se viveras.  
Mais a pena cantara, a poder mais.

17.  
**Elegia**

*Dom Leonis Pereira sobre o livro  
e Peão de Magalhães lhe of ereceu do  
descobrimento da terra de Santa Cruz*

Depois que Magalhães teve tecida  
a breve história sua, que ilustrasse  
a terra Santa Cruz, pouco sabida,  
imaginando a quem a dedicasse,  
ou com cujo favor defenderia seu livro,  
de algum zoilo que ladrasse;  
tendo nisto ocupada a fantasia,  
lhe sobreveio um sono repousado,  
antes que o Sol abrisse o claro dia.  
Em sonhos lhe aparece, todo armado,  
Marte, brandindo a lança furiosa,  
com que fez, quem o viu, todo enfiado,  
dizendo, em vez pesada e temerosa:  
Não é justo que a outrem se ofereça  
nenhũa obra que possa ser famosa,  
senão a quem por armas resplandeça  
no mundo todo com tal nome e fama  
que louvor imortal sempre mereça.  
Isto assi dito, Apolo, que da flama  
celeste guia os carros, de outra parte  
se lhe apresenta, e por seu nome o chama,  
dizendo:—Magalhães, posto que Marte  
com seu terror te espante, todavia  
comigo debes só aconselhar-te.  
Um Varão, sapiente, em quem Talia  
pôs seus tesouros e eu minha ciência,  
defender tuas obras poderia.  
E justo que a escritura na prudência  
ache só defesa, porque a dureza  
das armas é contrária da eloquência.  
Assi disse; e, tocando com destreza  
a cítara dourada, começou  
de mitigar de Marte a fortaleza.  
Mas Mercúrio, que sempre costumou  
a despartir porfias duvidosas,  
co caduceu na mão, que sempre usou,  
determina compor as perigosas  
Opiniões aos deuses inimigos,  
com razões boas, justas e amorosas;  
e disse:—Bem sabemos dos antigos  
heróis e dos modernos, que provaram  
de Belona os gravíssimos perigos,  
que também muitas vezes ajuntaram  
às armas eloquência, porque as Musas  
mil capitães na guerra acompanharam.  
Nunca Alexandre ou César, nas confusas  
guerras deixaram o estudo em breve espaço,  
nem armas da ciência são escusas.  
Nua mão livros, noutra ferro e aço,  
a ùa rege e ensina, a outra fere;

mais co saber se vence que co braço.  
Pois, logo, Varão grande, se requiere,  
que com teus dões, Apolo, ilustre seja,  
e de ti, Marte, palma e glória espere.  
Este vos darei eu, em quem se veja  
saber e esforço no sereno peito,  
que é Dom Leonis, que faz ao mundo enveja.  
Deste as Irmãs em vendo o bom sujeito,  
todas nove nos braços o tomaram,  
criando-o co seu leite no seu leito.  
As artes e ciência lhe ensinaram,  
inclinação divina lhe influíram,  
as virtudes morais, que o logo ornaram.  
Daqui os exercícios o seguiram,  
das armas no Oriente, onde primeiro  
um soldado gentil instituíram.  
Ali tais provas fez de cavaleiro,  
que de cristão magnânimo e seguro,  
a si mesmo venceu por derradeiro.  
Depois, já capitão forte e maduro,  
governando toda Áurea Quersoneso,  
lhe defendeu co braço o débil muro;  
porque vindo a cercá-la todo o peso  
do poder dos Achéns, que se sustenta  
do sangue alheio, em fúria todo aceso;  
este só, que a ti, Marte, representa,  
o castigou de sorte, que o vencido  
de ter quem fique vivo se contenta.  
Pois tanto que o grão Reino defendido  
deixou segunda vez com maior glória,  
para o ir governar foi elegido.  
E não perdendo ainda da memória,  
os amigos, o seu governo brando,  
os inimigos, o dano da vitória;  
uns, com amor intrínseco, esperando  
estão por ele, e os outros, congelados,  
o vão, com temor frio, receando.  
Pois vede se serão desbaratados  
de todo por seu braço, se tornasse,  
e dos mares da Índia degradados;  
porque é justo que nunca lhe negasse  
o conselho de Olimpo alto e subido  
favor e ajuda, com que pelejasse.  
Pois aqui certo está bem dirigido  
de Magalhães o livro, este só deve  
de ser de vós, ó deuses, escolhido.  
isto Mercúrio disse, e logo em breve  
se conformaram nisto Apolo e Marte,  
e voou juntamente o sono leve.  
Acorda Magalhães, e já se parte

a vos oferecer, Senhor famoso,  
tudo o que nele pôs ciência e arte.  
Tem claro estilo, engenho curioso  
para poder de vós ser recebido,  
com mão benina de animo amoroso.  
Porque só de não ser favorecido  
um claro espírito, fica baixo e escuro:  
pois seja ele convosco defendido  
como o foi de Malaca o fraco muro.

**FIM**